

## EDITORIAL



**Prof. Reinaldo Tronto**  
Editor da Edição Especial Sertãozinho

**C**aro leitor, seja bem-vindo ao número 15 da *Revista Iluminart Edição Especial Sertãozinho*. Essa publicação especial e temática nasce do entendimento coletivo da contribuição possível e necessária do câmpus Sertãozinho do IFSP para com o município de Sertãozinho, seu povo e território.

A ideia de uma publicação que reúne um conjunto de pesquisas e reflexões sobre Sertãozinho, não é nova. Mas a ideia amadureceu especialmente no final de 2015 e início de 2016, quando das conversas e discussões no câmpus e a partir dele em relação a forte crise que atingia o município e grande parcela de sua população: o aumento do desemprego, o fechamento de postos de trabalho, a redução dos salários médios e da massa salarial, o fechamento de pequenos negócios, a falência de micro, pequenas e médias empresas industriais, a informalidade e precarização do trabalho, entre outras características da crise aí instalada. Nossas angústias e inquietações nos movimentaram para algumas ações no câmpus, entre elas, a proposta de reunir um conjunto de estudos e reflexões sobre Sertãozinho, e socializá-los para futuros estudos e para o uso didático na

Educação Básica e Superior local e regional.

Nesse mesmo período, a *Revista Iluminart*, sob a Editoria-chefe do professor Altamiro, começava a construir uma transição para uma nova fase, recompondo seus colaboradores pareceristas e conselheiros, rediscutindo os caminhos da Revista e visualizando uma opção por uma área temática, além de escolher também uma opção colocada pela Pró-Reitoria de Pesquisa do IFSP por uma 'padronização' de todas as revistas científicas da instituição. Participamos desse processo e na ocasião propomos um número especial que pudesse, nas possibilidades ainda existentes de uma revista 'multiáreas', construir um número especial que contribuísse para com Sertãozinho, esse município que recebeu e lutou pela consolidação da UNED-CEFET-IFSP desde 1996.

O professor Altamiro, grande entusiasta da ideia, defendeu e lutou para que esse projeto não ficasse no plano das ideias, ou que fosse impossibilitado por dificuldades e limitações, e dedicou muito de sua energia e tempo para essa realização. Grande parte da concretização desse projeto se deve a esse servidor que tanto luta pela coisa pública, pela educação pública, gratuita e de qualidade e pelos

direitos humanos e justiça social. É uma das pessoas que merece a própria concretização desse número como uma homenagem.

Com esse importante apoio, passamos, no final de 2015 e início de 2016, ao período de estudo do formato e estrutura didática, de método e de metodologia de construção e de projeto filosófico-científico da **Edição Especial Sertãozinho**. A ideia inicial era reunir estudos atuais e históricos sobre a cidade, produzidos ou não no câmpus Sertãozinho do IFSP, pela comunidade científica e outras comunidades, por pesquisadores do Instituto e de outras instituições, nos mais diversos níveis de pesquisa no ensino superior (a partir de artigos provenientes de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Monografia de Especialização, Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado).

A partir dessas definições iniciais começamos um trabalho de investigação sobre pesquisas e pesquisadores sobre Sertãozinho e, a partir de um resultado muito animador – a quantidade de estudos e publicações sobre o município – realizamos os contatos iniciais e os convites formais. Muitos pesquisadores e sujeitos políticos prontamente aceitaram o desafio e iniciaram suas produções e pesquisas. Outros, dadas às muitas dificuldades pessoais ou de conjuntura, ficaram impossibilitados de participar – o mesmo podemos dizer em relação a alguns documentos e obras históricas que gostaríamos de publicar, mas não foi possível.

Essa Edição Especial reúne um conjunto de contribuições em diferentes formas: artigos científicos, entrevistas, documentos históricos e um acervo fotográfico da memória do câmpus e de Sertãozinho. Acreditamos estar apenas iniciando uma contribuição mais orgânica no caminho de sistematizar estudos e pesquisa que reflitam esse território e seu povo. Os desafios continuam e são ainda maiores, no caminho de aprofundar e avançar em nossa pesquisa, em nossa extensão e em nosso ensino para contribuir de fato para o desenvolvimento social e produtivo local e regional, dos arranjos produtivos, como prega nossos documentos e Plano de Desenvolvimento Institucional.

Finalizando, precisamos falar um pouco sobre o município de Sertãozinho! Temos assistido recentemente ao desmonte do Estado do Bem-Estar Social em nosso país – mesmo esse ainda incompleto e insuficiente, dado à nossa história e realidade social, mas que minimamente se colocou na Constituição Cidadã de 1988 e nas políticas sociais dos governos Lula-Dilma. No estado de São Paulo, esse desmonte começou um pouco antes – vide as condições da Educação nas escolas estaduais. Mas e em Sertãozinho? Vivemos aqui as condições de uma história do presente posta por essas outras escalas geográficas.

Sertãozinho apresenta uma formação socioeconômica e territorial marcada pela implantação, de forma autoritária e violenta, de um projeto econômico estranho à sua ecologia social. A chegada do homem branco e de seu pro-

jeto capitalista pelas bandas do “Sertão do mato adentro”, essa terra roxa de grande fertilidade que chegava como notícia boa e necessária as demandas de expansão do café em marcha pelos territórios do Brasil paulista. Chega por nossos Sertões apagando o elemento indígena que aqui vivia, e negando qualquer narrativa desses povos tão e sempre violentados pela ocupação capitalistas pelos territórios Américas afora. Esse mesmo movimento colonizador nega os poucos povoados de negros fugidos da escravidão ainda reinante nos períodos de ocupação branca por essas bandas. Indígenas e negros foram expulsos ou mortos dessas terras do Sertão! História e herança não diferente teve as nossas ecologias que, ontem no café, depois na cana e recentemente na urbanização e industrialização destruíram os equilíbrios e diversidades de nossa flora e fauna, de nossos solos, de nossas rochas, de nossas geologias e geomorfologias, de nosso clima, de nossas hidrografias. Essa ocupação capitalista se esforça para apagar essas morfologias e dinâmicas dessas naturezas naturais, sociais e socio-naturais. O artigo do professor Jefferson – “Os relatos dos primeiros anos de Sertãozinho-SP...” – muito contribuem para aprofundar essas questões.

Uma lógica produtiva nova e estranha para esse Sertão se instala obedecendo e respondendo aos interesses externos de um Brasil servil aos interesses de um capitalismo em globalização. Uma elite de reis e barões de café, primeiro, uma elite de usineiros, depois, e uma elite de especuladores de toda ordem, hoje, comandam localmente as decisões tomadas em lugares distantes. As ecologias são substituídas por um sistema produtivo monocultor, monofísico, monoétnico, monoclasse, monopolítico e monocultural! As diversidades históricas e as diversidades possíveis presentes e futuras foram sufocadas e suprimidas por gestões políticas do território que, ontem roubaram as terras dos povoados indígenas e de pretos, que depois violentaram física e psicologicamente camponeses colonos do café e de alguma policultura e, mais recentemente, pequenos e médios agricultores da cana ou de alguma policultura que foram forçados a arrendarem ou venderem suas terras. Fechando essa fatura territorial, as mecanizações do campo, com suas simbólicas derrubadas de colônias nas fazendas e usinas, que violentamente expulsam os trabalhadores rurais sem terra para os espaços urbanos organizados de forma segregadora e excludente.

Essa cidade e campo em acelerada modernização conservadora se reorganiza em novas formas de produção fundadas em uma industrialização do campo, da cidade, dos tempos e espaços e das vidas. A industrialização do operariado camponês e urbano pelas engrenagens do capital na ‘fase da cana’ e da usinificação do território e de sua sociedade marcam profundamente a apropriação dos conhecimentos produtivos desses trabalhadores e a imposição de lógicas produtivas violentas, alienantes e empobrecedoras material e imaterialmente das vidas sertanezinhas.

As metamorfoses ocorrentes em Sertãozinho nas últimas décadas, produtoras de um território e sociedade industriais, fortemente integradas e sintonizadas aos movimentos da economia brasileira e mundial, implementa acelerada reestruturação produtiva que intensifica a exploração da classe trabalhadora e acentua todas as condições sociais de um modelo econômico dependente e excludente. Os textos dos professores Adriano – “Engrenagens industriais do agronegócio canavieiro...” – e Jefferson – “Formação industrial de Sertãozinho-SP...” – e o documento histórico “Sertãozinho: o Pacto Caipira”, do Promotor Marcelo Goulart, são fundamentais para compreender essa dinâmica.

A Sertãozinho atual, marcada pela forte crise social, política e econômica, e pelos novos movimentos do capital global e das forças locais, são retratados na entrevista do Gerente Executivo do Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergético e Biocombustíveis (CEISE BR) Sebastião Macedo. Profundo conhecedor do setor sucroenergético e da economia sertaneza, esse economista de formação e atuação analisa o setor e sua crise com a profundidade econômica necessária. As entrevistas do Diretor Geral do câmpus, prof. Eduardo Mossin, e do ex-Diretor Geral, prof. Lacyr Sverzut, apresentam uma breve análise sobre suas gestões sobre o câmpus – uma em fechamento e outra em início –, e que permitem também fazer associações com a história recente de Sertãozinho e sua dinâmica atual.

Ainda no conjunto das contribuições, apresentamos artigos resultantes de pesquisa realizadas nos cursos de graduação do IFSP em Sertãozinho, em especial do Curso de Gestão de Recursos Humanos: “Análise do comportamento de força de trabalho ocupada nos setores econômicos nos municípios de Sertãozinho e Ribeirão Preto”, “As contribuições da empresa júnior para o desenvolvimento de competências profissionais dos estudantes universitários. Um estudo de caso nos municípios de Ribeirão Preto e Sertãozinho” e a “Síndrome de Burnout em docentes do

Ensino Público: um estudo de caso nas escolas estaduais de nível médio de Sertãozinho-SP”. Para além das possibilidades de pesquisa do câmpus, essas pesquisas apresentam diagnóstico, análise crítica e propostas de intervenção em Sertãozinho e região, analisam cientificamente as consequências, arranjos e respostas mais ou menos críticas ao movimento atual do capital no neoliberalismo. Destacamos ainda, agora na área de ensino, o artigo “Educação problematizadora no Ensino de Química: a indústria sucroalcooleira como tema gerador de uma sequência didática em escola pública de Sertãozinho”, que apresenta a experiência de educadores com a prática docente a partir da temática da especialização produtiva regional.

A **Edição Especial Sertãozinho** da *Revista Iluminart* é apenas um ponto de partida, um início, uma experimentação das possibilidades que o câmpus Sertãozinho do IFSP, com toda a experiência, formação e diversidade de seus servidores e com todo o potencial de seu ensino, pesquisa e extensão, pode contribuir para outro desenvolvimento social e produtivo para Sertãozinho e Região de Ribeirão Preto. Encerramos esse editorial, com a certeza de que muitas outras contribuições podem e devem acontecer para a sistematização e popularização do conhecimento sobre e para Sertãozinho, seu povo e seu território. Novas pesquisas e investigações sobre esse objeto devem acontecer nos próximos anos, tanto no IFSP como em outras instituições, e o desafio é torná-los cada vez mais acessíveis ao conjunto da sociedade sertaneza, integrando-a e permitindo cada vez mais que ela seja partícipe do Instituto e de suas pesquisas.

Boas pesquisas e investigações para todos nós. Bons futuros para todos!

Desejamos outras histórias, presentes e futuros para Sertãozinho e seu povo!

**Prof. Reinaldo Tronto**  
**Editor da Edição Especial Sertãozinho**